Padre ANTÔNIO THOMAZ Lourenço

PADRE ANTÔNIO THOMAZ Lourenço, nasceu na cidade de Acaraú, Ceará, a 14 de setembro de 1868. Filho do professor Gil Thomaz Lourenço e dona Francisca Laurinda da Frota. Cursou latim e francês em Sobral, e concluiu seus estudos no Seminário de Fortaleza, onde foi ordenado sacerdote, em 1891. Esteve longos anos a serviço da Igreja, em paróquias do interior cearense, notadamente como vigário de sua terra natal, levando vida modesta e apagada, dedicado a sua missão, escrevendo versos e cuidando de sua paróquia. Exerceu o paroquiato durante trinta anos, tendo sido vigário de Trairí e de Acaraú, de 1892 a 1924, quando por motivo de saúde, deixou o exercício do múnus paroquial, a que dedicara todas as reservas da sua atividade apostólica. Iniciou-se na publicação de seus sonetos, no ano de 1901, quando o *Almanaque do Ceará,* daquele ano, publicou o soneto *Post-Laborem.* Escreveu dezenas de sonetos que eram levados à imprensa pelos amigos, já que na sua humildade e timidez procurava fugir à publicidade. Recebeu, entretanto, ainda em vida, consagração popular, sendo eleito, *Príncipe dos Poetas Cearenses,* num pleito realizado pela revista *"Ceará Ilustrado",* em 1925. Está classificado entre os maiores sonetistas brasileiros, gênero a que mais se dedicou, escrevendo também composições de feição e ritmos variados, caracterizando-se por sua independência em relação a qualquer movimento ou escola literária. Foi membro da *Academia Cearense de Letras* e, em 1919, eleito sócio do *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Ceará.* Faleceu em Fortaleza, a 16 de julho de 1941, sendo sepultado no dia seguinte, na Igreja Matriz da Cidade de Santana do Acaraú, Ceará.

POST-LABOREM[1]

O vento das paixões, na mocidade,
Em nossa mente estranho fogo ateia;
Nem de leve nossa alma, então, receia
Do mar da vida a negra tempestade.

Nas grandes lutas próprias dessa idade,
Sente-se arder o sangue em cada veia;
Em trabalhos e afãs jamais fraqueia
Nossa tenaz, acérrima vontade.

Chega a velhice e tudo esfria e acalma;
Convertem-se os trabalhos e os afãs
Em paz forçada, em vergonhosa calma.

E o resultado dessas lutas vãs
É sempre o mesmo, – desenganos nalma,
Rugas na face, na cabeça cãs.

_____
1.RAMOS, Dinorá Tomaz. *Padre Antônio Thomaz – Príncipe dos Poetas Cearenses.* Fortaleza, Tipografia Paulina Editora, 1950, p. 14.

IN TENEBRIS[1]

Eram-me as ilusões da mocidade,
Constelações de magna refulgência,
Que o céu da minha plácida existência
Vinham doirar de branda alacridade.

Apagou-as o tempo sem piedade,
Uma após outra, com brutal violência,
Deixando-me sem luz, sob a influência
Dos desenganos da senilidade.

Vejo agora, repleto de amargura,
Mudada em penas, a fugaz ventura
Desses momentos calmos e risonhos,

E para sempre extinta nas sombrias
E longas noites dos meus negros dias,
A via-láctea branca dos meus sonhos.

_____
1. Op. cit., p. 15.

PERFIL DE UM MISANTROPO[1]

Vivendo entre os humildes e os pequenos
Sempre evitei o rico e o poderoso;
Os meus sonhos de tímido e medroso
Foram sempre modestos e serenos.

Nunca tive ambições de bens terrenos,
Nem desejo de nome ou posto honroso;
Nunca, em moço, aspirei do fausto o gozo,
E agora, na velhice, muito menos.

Olho, sentindo nalma horror profundo,
Para os homens e as coisas deste mundo,
Como para uma eterna palhaçada.

E sem cessar a doce paz bendigo,
Em que descanso, no seguro abrigo
Da minha pequenez e do meu nada.

1. Op. cit., p. 41.

A CARNAUBEIRA[1]

Nascida dos sertões na gleba adusta,
Sob os raios do sol abrasador,
Garbosa e altiva, ostenta o seu vigor
Das nossas várzeas, a princesa augusta.

Princesa... Bem que o nome se lhe ajusta
Tal dos seus benefícios o primor,
Pois dá sustento e teto protetor
E cama e luz ao pobre, à sua custa.

Tem certos modos de mulher faceira,
Os longos verdes cachos exibindo
Como tranças de enorme cabeleira.

E quando o sol a pino a terra escalda,
Abana a fronde, as asas sacudindo
Com seu formoso leque de esmeralda.

_____
1.Op. cit., p. 46.

A MORTE DAS ROSAS[1]

Nos canteiros orlados de verdura,
De mil gotas de orvalho umedecidas,
Cheias de viço e de perfume ungidas,
Desabrocham as rosas à ventura.

Mas a vida das rosas pouco dura,
E as míseras em breve, enlanguescidas,
A fronte curvam, nos hastis pendidas,
Sob os raios do sol que além fulgura.

E vão largando as pétalas mimosas
Ao sopro mau dos vendavais infestos,
E os despojos finais das tristes rosas

De cor vermelha, pelo chão tombados,
Fazem lembrar sanguinolentos restos
De pobres corações despedaçados.

1. Op. Cit. p. 49.

EMIGRANTES[1]

Sentindo a vida incerta e mal segura
Nos seus campos natais, de quando em quando,
Os pobres cearenses vão deixando
Os lares sem conforto e sem ventura.

E por plagas mortíferas procura
Dos filhos de Iracema, o triste bando,
O que na Pátria se lhes vai negando,
Por uma lei fatal, de sina dura.

Ai!...despedaça o coração da gente,
Ouvir-lhes, no momento da partida,
O extremo adeus, num suspirar dolente.

E pensar que essa mísera coorte,
No duro empenho de buscar a vida,
Vai, sem saber, seguindo para a morte!

_____
1.Op. cit., p. 51

FOME[1]

No regaço da mãe desventurada
Eis desfalece a filha pequenina...
– Assim no fraco hastil pende a bonina
Quando não bebe o pranto da alvorada.

Ó tu, que vais passando pela estrada,
Tem piedade da lânguida menina;
Tem compaixão daquela flor franzina,
Consola a triste mãe desesperada.

Dá-lhe ao menos um pão com que alimente
O pequenino ser que se consome,
Salva da morte a mísera inocente.

Que nada existe igual à dor sem nome,
Ao desespero atroz que nalma sente
A mãe que um filho vê morrer de fome.

1. Op. Cit., p. 52.

VERSO E REVERSO[1]

Essa mulher de face escaveirada,
Que vês tremendo em ânsias de fadiga,
Estendendo a quem passa a mão mirrada,
Foi meretriz antes de ser mendiga.

Fugiu-lhe breve, nessa vida airada,
Da mocidade a doce quadra amiga,
E chegou a ser velha e desgraçada
Antes do tempo... a tanto o vício obriga!

Ontem, do gozo e da volúpia ardente,
Fosse a quem fosse, dava a qualquer hora
O seio branco e o lábio sorridente.

E hoje – triste sina! – embalde chora,
Pedindo esmola àquela mesma gente
Que dos seus beijos se fartara outrora.

_____
1.Op. cit., p. 52.

PIEDADE INFANTIL[1]

Sobre a cama de ferro estreita e dura,
Soltando tristes ais, fundos lamentos,
Se estorce a enferma, em bruscos movimentos,
Presa nas garras de feroz tortura.

No entanto, ao pé do leito, o velho cura,
Que veio ministrar-lhe os sacramentos,
Entoa em graves, místicos acentos,
Longas preces ungidas de amargura.

Um gemido mais alto os ares corta,
E, de repente, enfia pela porta
Loura criança, rechonchuda e linda,

E à enferma inquire, – os olhos rasos dágua
E a voz repleta de infinita mágoa:
Ó mamãezinha, dói-lhe muito ainda?

_____
1. Op. Cit., p. 53.

CONFIDÊNCIAS[1]

Eu fui contar, chorando, as minhas penas
Ao velho mar; e as ondas buliçosas,
Julgando que eu diria essas pequenas
Mágoas comuns ou queixas amorosas,

Não quiseram cessar as cantilenas
Que entoavam nas praias arenosas;
Mas, pouco a pouco, imóveis e serenas,
Quedaram todas, por me ouvir ansiosas.

E concluída a narração de tudo,
Mostrou-se o mar (pois nunca tinha ouvido
História igual) sombrio e carrancudo.

Depois, rolando as gemedoras águas,
Pôs-se a chorar também compadecido
Das minhas fundas, dolorosas mágoas.

1. Op. cit., p. 58.

EVA[1]

Cantam-lhe nalma ainda as sedutoras
Finais palavras do inimigo astuto: –
“Se o houveras provado um só minuto,
Deusa, decerto, e não mulher tu foras”.

E desprezando as iras vingadoras
Do céu, estende o braço resoluto
E colhe o belo, rubicundo fruto
De estranho cheiro e formas tentadoras.

Nas mãos o preme e, quando o vai partindo
Se lhe esguicha da polpa sumarenta
O róseo mosto sobre o seio lindo.

E em cada poma fica-lhe estampado
Um vivo timbre dessa cor sangrenta,
Como as insígnias rubras do pecado.

_____
1. Op. cit., p. 61.

CONTRASTE[1]

Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.

Então nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede exatamente

O contrário dos tempos de rapaz:
– Os desenganos vão conosco à frente
E as esperanças vão ficando atrás.

_____
1.Op.cit., p. 61.

CAMÕES[1]

À guerras e naufrágios arrastado,
No longo exílio, pela ingrata sorte,
Foi sempre o amor da pátria rumo e norte
Ao vate exímio e intrépido soldado.

Depois voltando ao pátrio ninho amado,
De Natércia gentil chorando a morte,
Vergado pela dor o altivo porte,
Sem pão e amor, viveu triste e cansado.

E não bastando já tantos revezes,
O fado quis que ele estendesse um dia
A mão, pedindo esmola a portugueses.

E ralado de dor e de agonia
Morreu, depois de ver por muitas vezes
Aquela mão se recolher vazia.

_____
1. Op. Cit., p. 68.

OUVINDO O PIANO[1]

Eis-te ao piano... Os amestrados dedos
Fazes correr por sobre as teclas brancas,
Urdindo as tramas de sutis enredos,
Com que os pesares, para longe, espancas.

E os circunstantes silenciosos, quedos,
De corações abertos e almas francas,
Pasmam de ouvir os mágicos segredos
Que, à força d'arte, do instrumento arrancas.

De ouvido atento à execução pasmosa,
Do gênio criador a luz radiosa,
Na tua fronte virginal, diviso.

E aí me quedo, reverente e mudo,
Em êxtase de gozo, alheio a tudo,
Sonhando achar-me em pleno paraíso.

1. Op. cit., p. 70.

DECEPÇÃO[1]

Seis lustros de existir penoso e ingrato
Mais dois quintos de lustro hoje completo...
Vou tentar se redijo num soneto
Uma memória digna deste fato.

Rimas procuro... penso... a fronte bato,
E rilho as unhas, e olho para o teto,
Mas sinto o pobre crânio escuro, preto
Como a tinta que lustra o meu sapato.

Invoco a Musa, espero... clamo, grito!
Tudo baldado! O engenho é frio e boto!
E, pobre estulto! Nada deixo escrito.

Eu devia supor-te mais arguto
Nesta idade madura, e triste noto
Ficas, Antônio, cada vez mais bruto!

_____
1. Op. cit., p. 76.

DEPOIS DE LER IRACEMA[1]

Apenas findo a rápida leitura
Na mente as raras cenas recomponho,
Desse livro, ao começo tão risonho,
E, ao terminar, tão cheio de amargura.

Os olhos cerro em cômoda postura,
Percorro os mundos ideais do sonho,
Desfazendo, ora alegre, ora tristonho,
De um remoto passado a venda escura.

E sinto nalma uma tristeza infinda,
Vendo morrer a tabajara linda
De que nos fala o trágico poema.

E ouço a onda morrer beijando a praia,
E a triste voz plangente da jandaia
A repetir o nome de Iracema.

_____
1.Op. cit., p. 88.

A VIDA[1]

Negra montanha a vida. Vão seguindo
Por ela, dia e noite, os caminheiros;
Uns afrontando os íngremes ladeiros,
Outros, do lado oposto se sumindo.

Quando a montanha, alegres, vão subindo
Em ledo grupo, os válidos romeiros,
A passos largos, firmes e ligeiros,
Uns caminham cantando; outros sorrindo.

Mas quando, já cansados e afanosos,
Vão descendo a montanha e contemplando
Do nada, os vastos ermos tenebrosos,

É bem diverso o quadro!...Em triste bando,
Trêmulos, curvos, tristes e morosos,
Uns caminham gemendo; outros chorando.

1. Op. cit., p. 89.

A MORTE DO JANGADEIRO[1]

Ao sopro do terral abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada
Entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente, o jangadeiro se acautela,
Contra os mil acidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada;
O vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prosta e, furioso,
Da jangada o despeja nágua escura;
E em brancos véus de espuma, o desditoso

Envolve e traga a onda intumescida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

_____
1. Op. cit., p. 90.

FUNERAL[1]

Vão-na levando para a sepultura,
Amortalhada em brancos véus de linho,
Dentro de um leve esquife cor de arminho,
Ao fulgor da manhã serena e pura.

Carpindo-a segue o vento e, porventura,
Para incensá-la agita, de mansinho,
Ramos em flor, pendentes do caminho,
Cheio de sombra e orlas de verdura.

No entanto o louro enxame das abelhas
Vai atirando pétalas vermelhas
Sobre o caixão franzino que a comporta.

Cai das folhas o orvalho como pranto,
E as meigas aves em piedoso canto
Rezam contritas sufragando a morta.

1.Op. Cit., p. 91.

NO CEMITÉRIO[1]

Eis o seguro abrigo onde os finados
Gozam da paz feliz que sempre dura.
Quantas cenas de dor e de amargura
Por entre os frios túmulos calados!

Este, os nomes dos seus ali gravados,
Desfeito em pranto, beija com ternura;
Outro, sentida prece além murmura,
Suspira e geme aquele em tristes brados.

No entanto, esparsos pelo campo afora,
Alguns crânios que eu vejo à flor da terra,
Riem, fitando a multidão que chora,

Nessa risada lúgubre que aterra,
Escarnecem da turba que os deplora,
Zombam dos males que esta vida encerra.

_____
1. Op. Cit., p. 98.

ACARAÚ[1]

Revejo em sonho a terra estremecida
Do Acaraú... seus vastos tabuleiros,
A minha casa, os belos companheiros
Que lá deixei na hora da partida.

Vejo o mercado, as Pontes, a Avenida,
O Rio, o Porto, os Mangues altaneiros,
Ouço o rugir dos ventos nos coqueiros,
E, além, do mar queixoso a voz sentida.

Do velho sino os graves tons escuto,
E lá do torreão no cocuruto,
De andorinhas avisto inquieto bando...

Entro na igreja, – minha igreja outrora, –
E vejo em seu altar Nossa Senhora,
Com seu olhar piedoso me fitando...

_____
1. Op. cit., p. 111.

O PALHAÇO[1]

Ontem viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje, o empresário vai bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente.

Ao palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta,
Trejeita, e canta, e ri nervosamente.

Aos aplausos da turba ele trabalha
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha,

No entanto a dor cruel mais se lhe aguça
E enquanto o lábio trêmulo gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.

_____
1. Op. cit., p. 112.

CAMPESINA[1]

Uns aromas sutis na veiga espalha
A mansa brisa. Suga a loira abelha
O lindo cálix de uma flor vermelha
Que o puro rócio matutino orvalha.

O vento sul, do bosque acima esgalha
E o frio lago azul a sombra espelha;
Triste e saudosa muge a branca ovelha
Cujo cincerro finos sons chocalha.

Loira matuta vem buscando a trilha
Da fonte – um fio dágua que marulha –,
Trazendo aos curvos ombros grande bilha.

Em pleno viço a mata escura abrolha;
E se o vento ali perpassa em doce bulha,
Treme um pingo de luz em cada folha.

_____
1. Op. cit., p. 113.

LACRIMAE RERUM[1]

Ouço-as gemer em convulsões estranhas
As árvores senis; choram os ventos,
Corre o pranto dos rios alvacentos
Pelas rugosas faces das montanhas.

O mar, fervendo em mal contidas sanhas,
Povoa o ar de queixas e lamentos;
Pelos vulcões, em vômitos sangrentos,
Expele a terra as cálidas entranhas.

No ocaso expira o sol todos os dias,
E se veste de luto pelo morto
O lago, o bosque, o vale, as serranias.

E à noite vem, com toda a mágoa sua,
Sobre as mágoas da terra sem conforto,
Velar, chorando, a compassiva lua.

_____
1. Op. cit., p. 114.

MARIA[1]

Ó Virgem Mãe de Deus, casta, impoluta,
Que a serpente infernal aos pés esmagas,
Dizem teu nome a brisa, o rio, as vagas,
Em seus ecos repete ao longe a gruta.

Quando nas fráguas da renhida luta
Vês-me tremer, minha esperança afagas
Com teu olhar de refulgências magas,
Com doces vozes que a minhalma escuta.

A fronte ornada de lauréis virentes
Ao bardo inclinas e não serão latentes
Os teus louvores no meu rude verso.

Dão-te preito de amor em tons suaves
A voz dos homens, o trinar das aves,
O céu, a terra, o mar... todo o universo.

_____
1. Op. Cit., p. 125.

SALVE REGINA[1]

Salve, ó Rainha, Mãe dos pecadores
E dos tristes mortais vida e doçura!
Luz de esperança a derramar fulgores
Nos ínvios trilhos da existência escura.

Neste vale de lágrimas e de horrores
A ti bradamos, cheios de amargura,
Suspirando e gemendo as nossas dores
Sob a pressão do mal que nos tortura.

De lá das plagas lúcidas, serenas,
Em que habitas, por sobre as nossas penas,
Esparge o teu olhar e o teu sorriso.

E mostra-nos, depois de consumada
Do nosso exílio a aspérrima jornada,
O teu filho Jesus, no Paraíso!

_____
1.Op. cit., p. 126.

MEMORARE[1]

Lembrai-vos, doce Mãe, terna Maria,
Quem nunca foi por Vós desamparado,
Quem vosso auxílio e maternal cuidado
Com fé Vos implorou, como devia.

Nesta esperança que me alenta e guia,
Venho buscar, de culpas carregado,
Auxílio e proteção contra o pecado,
Em vosso brando seio, ó Virgem pia.

Não aparteis a luz benigna e pura,
Dos vossos meigos olhos protetores
De quem tão confiado vos procura.

Pois essa luz de irradiações serenas,
Não somente dissipa os meus temores,
Mas em gozo converte as minhas penas.

_____
1.Op.cit., p.127.

AVE MARIA[1]

Ave Maria, ó cândida donzela,
Toda cheia de graça e formosura,
Deus é contigo, excelsa criatura,
E o seu poder imenso em ti revela.

Bendita és tu, mimosa flor singela,
Preservada por Deus da culpa escura,
Entre todas as virgens a mais pura
E entre as mulheres todas a mais bela.

Jesus, o doce fruto originado
Do teu seio, – é bendito e celebrado
Por céus e terra em místico transporte.

Santa Maria, ó Mãe de Deus querida,
Pede por nós durante a nossa vida,
Dá-nos o céu depois da nossa morte.

Op. cit., p. 130.

A MORTE DE JESUS[1]

Da Cruz pendente expira, e, sem demora,
De susto e horror desmaia o sol na altura,
Cobre-se o céu de um manto de negrura,
E o mundo inteiro treme e se apavora.

Trajando luto, a natureza chora,
Fende-se a terra, estala a rocha dura,
E, abandonando a paz da sepultura,
Vagueiam mortos pelo campo afora...

Além ronca o trovão sinistramente...
Fuzila o raio e, em doida tempestade,
Brame e se agita o velho mar gemente.

Tinhas, decerto, ó Cristo, a divindade,
Pois na morte de um Deus, de um Deus somente,
Pode haver tanta pompa e majestade!

1. Op. cit., p. 134.

DEUS HOMO[1]

Amo-te, ó Cristo, dessa cruz pendente,
Varado o coração de acerbas dores,
Do teu suplício os bárbaros rigores
Sofrendo humilde e resignadamente.

Porque assim te revelas claramente
O Deus dos filhos de Eva sofredores,
Apto a ouvir os brados e os clamores
Da miseranda e triste humana gente.

Folgo em saber nas horas de amargura,
Que um Deus de natureza igual à minha
Sofresse a mesma dor que me tortura.

Não quadra um Deus feliz ao desgraçado;
Por isso mesmo aos homens não convinha
Senão somente um Deus crucificado.

_____
1. Op. Cit., p. 135.

JUDAS[1]

À sombra da folhagem verde-escura
Do galho, preso ao mastro alevantado,
Um Judas, pelo vento balouçado,
Da forca pende em cômica postura.

Um bando, em frente à exótica figura,
Exulta, ao vê-lo em semelhante estado,
E aos vozeios do povo acelerado
O bimbalhar dos sinos se mistura.

Eu fico, entanto, a meditar, e penso,
Ante o festivo e insólito alvoroço,
Que é falta de critério e de bom senso,

Uma tolice rematada enfim;
Tantos Judas havendo em carne e osso,
Levar-se à forca um Judas de capim...

1. Op. cit., p. 138.

NO ENTERRO DE UM ANJINHO[1]

Ei-lo que segue ornado de mil flores,
De manto azul e túnica de neve,
A sorrir...a sorrir, porque tão breve
Fugiu da vida sem provar-lhe as dores.

Vão-no levando à cova... Os portadores
Do branco esquife, pequenino e leve,
São crianças também, pois não se deve
Deixar um anjo em mãos de pecadores.

Do funéreo cortejo me avizinho
E das crianças vou seguindo os passos
A cismar...a cismar pelo caminho.

E no caixão pendente dos seus braços,
Julgo estar vendo, não o louro anjinho,
Mas, uma alma de mãe feita em pedaços.

1.Op.cit., p.140.

VIÇOSA[1]

Nos alcantis da Ibiapaba erguida,
Lá se ostenta risonha entre a verdura
Dos seus vergéis regados de água pura
Da fria pedra aos borbotões nascida.

Ali, sobre um outeiro construída
Na viva rocha, há séculos perdura
A sua igreja – berço de cultura
De uma raça valente hoje esquecida...

Quando a gente, volvendo na memória
Desse templo lendário a antiga história,
Os umbrais lhe transpõe a vez primeira.

Julga estar vendo, a percorrer-lhe a nave
A passos lentos, silenciosa e grave,
A sombra augusta do imortal Vieira.

_____
1. Op. cit., p.143.

A MINHA MÃE[1]

Quer viva alegre, quer me punjam dores,
Jamais esqueço a minha Mãe querida,
Pois trago dentro em mim como esculpida
A imagem dela ornada de fulgores.

E de contínuo em místicos ardores
Se eleva aos céus minha alma enternecida,
Pedindo a Deus que lhe prolongue a vida
E lhe conceda sempre os seus favores.

E quando eu vou rezar à Virgem pura,
Sucede que o seu nome se mistura
Às minhas preces com freqüência tanta...

Que eu temo, às vezes, não se manifeste
Enciumada a minha Mãe celeste
Do grande amor que eu tenho àquela Santa.

_____
1.BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense, vol. IV,* Fortaleza, Instituto do Ceará, 1962; p. 55.

COMPOSTURA[1]

Triste mortal que de contínuo choras,
Anunciando a todos, voz em grita,
A desventura que te infelicita
Para a qual lenitivo ao mundo imploras,

Deste modo de certo não minoras
A funda mágoa de tua alma aflita:
Riso somente e não piedade excita
O vão clamor com que teu mal deploras.

Se não sabes sofrer as tuas penas,
De rosto alegre e ânimo jucundo,
Como as almas estóicas e serenas,

Aprende ao menos a sofrer calado,
Pois a maior desgraça deste mundo
É parecer aos outros desgraçado.

1. Op. cit., p. 58.

MARIS STELLA[1]

O mar, sanhudo e altivo, cospe a vela
E, em fúria, impele o dorso ao barco amigo.
Um astro só não luz... em trevas sigo...
De susto e horror meu sangue esfria e gela.

Oscila e estoura a vaga, uiva a procela.
Espuma e ronca o mar... cresce o perigo,
Mesto, em busca do porto, em vão prossigo
E em ti os olhos cravo, ó pura estrela!

Dirige, ó Mãe, o pobre entre os escuros,
Fundos abismos desse torvo mar,
Guia os coitados nos escolhos duros!

Rumo, ao triste batel, só podem dar
Os doces risos de teus lábios puros
E a luz bendita de teu doce olhar.

_____
1. Op. cit., p. 63.

MATER ROSARII[1]

Quantas vezes, Maria – vão sem conta! –
Quando me assalta rijo o sofrimento,
Nas contas do rosário encontro alento,
Alívio, paz, consolo, em cada conta.

Quantas vezes, parece-me, desponta
Um raio de esperança, no momento,
Em que minha alma, – aflito o experimento –
Nas contas de um rosário ao céu remonta!

Ave, Maria!... E digo tudo!... Digo:
Ave, esperança minha, amparo, abrigo
De quem mais nada tem que a noite e o dia.

Porta do Céu, Consolo dos Aflitos,
Padeço muito, choro, ouvi meus gritos,
Mãe de Jesus e minha Mãe! – Maria.

_____
1. Op. cit., p. 65.

VOZES DO MAR[1]

No marulhar da vaga buliçosa
O velho mar declama, noite e dia,
Uma estranha canção misteriosa
Que a muito ouvido encanta e delicia.

Ora profere, em grita jubilosa,
Hinos festivos, cantos de alegria,
Ora modula, em triste voz chorosa,
Trenos de dor e salmos de agonia.

Não raro ele tem brados de amargura,
Uivos de fera e algo que parece
O gargalhar sinistro da loucura.

E às vezes lembra, na toada mansa,
Rumor de beijos, segredar de preces,
E balbucios meigos de criança.

1. Op. cit., p. 75.

TRISTES REMINISCÊNCIAS[1]

Quantas cenas de dor, em sua longa vida,
Tem na face do globo o mar presenciado,
Depois de ouvir Adão chorar o seu pecado
E a Eva maldizer o filho fratricida!

Ouviu da multidão imensa submergida
Nas águas do dilúvio o angustioso brado,
Viu sempre e em toda a parte o homem torturado
De mágoas e aflições, sem conta e sem medida.

Por mil vezes seguiu o curso furibundo
Dos flagelos de Deus desconsertando o mundo:
–Terremotos, vulcões, a peste, a fome, a guerra.

E pois, guardando o mar tudo isso na memória,
Repete sem cessar, chorando, a longa história
Dos milênios de dor que pesam sobre a terra.

_____
1. Op. cit., p. 77.

VESPERTINO[1]

Sobre as veigas e campos perfumados
Se estende um véu de sombras e palores;
Cingem, no entanto, vívidos fulgores
Os denegridos cerros escalvados.

Enxada ao ombro em cismas mergulhados
Voltam do campo os rudes lavradores;
Soam no ar bucólicos rumores;
Doces mugidos, cantos magoados.

Ao longe o sino em doloroso acento
Geme uma prece; a juriti suspira,
De quando em vez, um brado de lamento.

E na floresta – gigantesca lira –
Vai tristes nênias entoando o vento
Ao rei da luz que no poente expira.

_____
1.Op. cit., p. 78.

CAMPESTRE[1]

Das longínquas montanhas esfumadas
Transpondo os negros, alterosos cumes,
O astro-rei desponta em vivos lumes,
Banhando a selva, o campo, as esplanadas.

Abrem flores de pétalas nevadas
Pejando o ar de lânguidos perfumes;
Formosas borboletas, aos cardumes,
Voejam pelo campo estonteadas.

Sobre os ramos floridos, buliçosos,
Entoam docemente os passarinhos
Cantos suaves, trinos maviosos.

E aos casais, entre beijos e carinhos,
Arrulham pombos – noivos amorosos –
Na doce e branda tepidez dos ninhos.

_____
1. Op. cit., p. 79.

A ESMOLA[1]

– Suba! Gritam-lhe arrogantemente,
Do alto da suntuosa escadaria.
E a pobrezinha, a mão nevada e fria,
Subindo, estende e implora sorridente.

Esmola para minha mãe doente,
E pela fome às portas da agonia.
Uma voz de trovão: – "rua vadia!
Vá ver se encontra ocupação decente!"

Desce, chorando. Lá embaixo a espera
A mendiga que nem subir pudera.
Beija-lhe o rosto, enxuga o pranto e sai;

– Mamãe, que homem tão mau esse que humilha
A pobreza infeliz?!" – "Cala-te, filha!
Não fale dele nunca. Ele é teu pai!"

_____
1. Op. cit., p. 84.

VIA DOLOROSA[1]

Vou-me sentindo velho e fatigado
De mourejar por esta ingrata vida:
A mente se me torna enfraquecida
E o corpo tenho para o chão curvado.

E mesmo assim, neste penoso estado,
Que a discreto repouso já convida
Uma incessante e temerosa lida
Me consome o viver triste e cansado.

E o velho coração – quem tal dissera –
Persegue ainda a muita vâ quimera
No louco intento de encontrar ventura.

E nestas lutas vou cumprindo a sorte,
Até que venha a compassiva morte
Levar-me à grande paz da sepultura.

_____
1. Op. cit., p. 86.

A MORTE[1]

Tenho plena certeza de que existe
Uma outra vida além da sepultura,
Vida feliz, melhor e de mais dura
Que esta existência aborrecida e triste.

E sei, também, que a vida ali consiste
Na fruição da paz e da ventura
Que neste mundo embalde se procura,
Num doido afã de que ninguém desiste.

Por isso mesmo, em íntima alegria,
Eu te desejo, ó morte; à tua espera
Minha alma se consome noite e dia.

Com ânsia igual ainda eu te quisera,
Quando essa vida além da campa fria
Fosse apenas um sonho, uma quimera.

_____
1.Op. cit., p. 87.

SONHOS MORTOS[1]

Tive sonhos azuis, na mocidade,
Que vinham, como pássaros em festa,
Encher-me o seio – um canto de floresta –
De gratos sons, de viva alacridade.

Mas um dia a cruel realidade
Pôs-lhes em cima a rude mão funesta
E exterminou-os... Nenhum mais me resta
Na minha negra e triste soledade.

Hoje o meu seio inerte, mudo e frio,
Se converte em túmulo sombrio
Por sobre o qual gementes e tristonhos,

Alvejantes fantasmas se debruçam:
São as meigas saudades que soluçam
Sobre o jazigo eterno dos meus sonhos.

_____
1. Op. cit., p. 88.

CENA DOMÉSTICA[1]

Na mesa, o parco almoço há muito esfria
À minha espera, que me ocupo agora
Em ler matinas. Ralha da demora
A Rita em fúria, e o gato a um canto mia.

De quando em vez, na porta, a velha espia;
E enquanto faz não sei o que lá fora,
Sobe à mesa o bichano, e eis que devora
O peixe todo que no prato havia.

Voltando à sala e vendo aquilo a preta
Enxota o bicho e... zás... lá foi-se um prato
Varrido pela manga da jaqueta.

Então, raivosa, diz, batendo o gato:
– "Isto parece arte do capeta!
Cruzes, canhoto! Figa, pé de pato!"

_____
1. Op. cit., p. 91.

VIRA A MANGA[1]

– Lolita, vira a manga, o Padre passa...
Padre traz sorte... Vira que o danado
Indica, sem errar, um bom noivado...
– Dizem três moças no jardim da praça.

– Lolita, toma tento! É só chalaça,
É coisa de batuque, de tarado,
É só superstição... – Respondo irado,
Mudando em dois sorrisos a ameaça.

– Se queres, vira as costas à vaidade,
Vira a língua, aos repastos de honras presa,
Vira o caráter, faze-o de bondade.

Que só isso traz sorte com certeza,
E, feito um mimo aos olhos da cidade,
Terás um casamento de princesa...

_____
1. Op. cit., p. 93.

NOITE DE NÚPCIAS[1]

Noite de gozo, noite de delícias,
Aquela em que a noiva carinhosa,
Vai do seu noivo receber carícias
No leito sobre a colcha cor-de-rosa.

Sonha acordada coisas fictícias,
Volvendo-se sobre o leito, voluptuosa,
E o anjo de amor e de carícias
Fecha a cortina tênue e vaporosa.

Ouvem-se beijos tímidos, ardentes,
Por baixo da cortina assim velada,
Em suspiros tristes e dolentes.

Se fitássemos a noiva agora exangue,
Vê-la-íamos bem triste e descorada
E o leito nupcial banhado em sangue.

_____

1.Diz Dinorá Tomaz Ramos que esse soneto, e bem assim **Vira a Manga**, antes transcrito, não pertencem ao Padre Antônio Thomaz, apesar de figurarem com o seu nome em revistas e jornais (op. cit., p.58).

DESENCANTO[1]

Muitas vezes cantei nos tempos idos
Acalentando sonhos de ventura:
Então da lira a voz suave e pura
Era-me um gozo d'alma e dos sentidos.

Hoje vejo esses sonhos convertidos
Num acervo de penas e amargura,
E percorro da vida a estrada escura
Recalcando no peito os meus gemidos.

E se tento cantar como remédio
Às minhas mágoas, ao sombrio tédio
Que lentamente as forças me quebranta,

Os sons que arranco à pobre lira agora
Mais parecem soluços de quem chora
Do que a doce toada de quem canta.

_____
1.Último soneto do poeta, escrito na Santa Casa de Sobral, a 3 de fevereiro de 1941,em retribuição a uns versos do seminarista Osvaldo Chaves.